

**O CONCEITO DE ESTADO DE COISAS COMO UMA  
INTERPRETAÇÃO POSSÍVEL DE AFIGURAÇÃO DO MUNDO NO  
*TRACTATUS LÓGICO-PHILOSOPHICUS***

*THE CONCEPT OF STATE OF THINGS AS A POSSIBLE INTERPRETATION  
OF AFIGURATION OF THE WORLD IN THE LOGICAL TRACTATUS-  
PHILOSOPHICUS*

**Luciano Martins Barbosa<sup>1</sup>**

RESUMO

Nosso objetivo neste artigo é apresentar uma noção do conceito de estado de coisas da obra *Tractatus Lógico-Philosophicus*, para isso ilustraremos pontos que são indispensáveis para a compreensão do que propusemos fazer, sendo assim mostraremos a diferença entre estado de coisas e fato, bem como a importância deles no processo figurativo da linguagem que nos apresenta o mundo. Ou seja, nos mostra possibilidades de combinação de objetos existentes. Isto é, de fatos atualizados no mundo.

PALAVRAS- CHAVE: Forma Lógica. Estado de Coisas.

ABSTRACT

Our aim in this paper is to present a notion of the concept of state of affairs of the work *Tractatus Logico-Philosophicus*, for this we will illustrate points that are indispensable for the understanding of what we proposed to do, thus we will show the difference between state of things, fact, as well as their importance in the figurative process of language to introduce us to the world. That is, the shows us possibilities of combining existing objects. That is, from updated facts in the world.

KEYWORDS: Logical Form. State of affairs.

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea. PPGECCO- UFMT. Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/8142534798252279>. Email: [literaturamartins@yahoo.com.br](mailto:literaturamartins@yahoo.com.br) . Telefone: (65) 999531718

## INTRODUÇÃO

Apresentaremos neste artigo o conceito de estado de coisas na obra *Tractatus Lógico-Philosophicus*. Encontramos na referida obra vários assuntos, que vão desde à lógica até à estética, no entanto, deteremos apenas nos aforismos relativos aos conceitos de “forma lógica”, “espaço lógico”, os quais são o arcabouço para entendermos o que propomos que é a elucidação da noção de estado de coisas. Explicaremos também que a compreensão do mundo passa pela proposição elementar, porque ela tem a capacidade de ler, de figurar o mundo e assim, podemos conhecê-lo através delas, ou seja, elas nos dão a possibilidade de conhecermos o mundo, haja vista que é a linguagem que é a responsável por nos apresentar os fatos desse mundo sendo um modelo possível de como ele está estruturado.

Durante a exposição, ao falarmos em figuração de um estado de coisas, veremos que a proposição atômica *tractatiana* terá sempre um sentido determinado. O que estamos dizendo é que ela será verdadeira ou falsa e cabe ao mundo atestar se o que a referida proposição diz existir é ou não verdadeiro. As proposições atômicas afiguram estado de coisas possíveis, tendo sempre um sentido determinado, pois, ela enuncia uma possibilidade de combinações de objetos no espaço lógico. Ela, as proposições atômicas, nos apresentar uma possibilidade de como as coisas estão no mundo, talvez não esteja da maneira que diz estar, aí ela será falsa, mas não sem sentido. Agora se a referida combinação estiver atualizada no mundo, como diz estar, a proposição, será verdadeira.

O *Tractatus Lógico-Philosophicus* é uma obra de difícil leitura, posto que foi escrita em forma de aforismos. Percebemos nele o rigor de uma linguagem lógica, rígida e bem estruturada. Em nosso texto iremos expor essa teoria ‘apresentacional’ da linguagem, ou seja, do poder que tem a linguagem de espelhar o mundo, isto é, de nos apresentá-lo. Mas para que ela possa dar conta dessa façanha, de figurá-lo, tem que haver alguma coisa em comum entre as duas estruturas, a da linguagem e da realidade e isso que é comum a ambas Wittgenstein chamou de forma lógica. Esse é um conceito muito importante que iremos expor para entendermos o arcabouço do *Tractatus lógico-philosophicus*. Na visão ‘*tractatiana*’, uma proposição afigura o mundo quando há uma relação de isomorfismo<sup>2</sup> entre a proposição e o mundo: para que se dê a figuração, a configuração dos objetos no mundo deve estar apresentada

---

<sup>2</sup> O termo “isomorfismo” é um conceito técnico originário da matemática, o qual representa a univocidade relacional de duas estruturas, tais como: os nomes e os objetos e com isso, buscando uma correspondência de semelhança entre eles, sendo assim, se existir essa concordância da linguagem com o mundo, então temos um estado de coisas verdadeiro. Ou seja, a um fato lógico.

na linguagem. Para tanto, exige-se que tanto a proposição quanto a configuração necessitam para o espelhamento a partilha da mesma forma lógica.

Na visão tractatiana, uma proposição afigura o mundo quando há uma relação de isomorfismo entre a proposição e o mundo: para que se dê a figuração, a configuração dos objetos no mundo deve estar apresentada na linguagem, mas para isso, exige-se que tanto a proposição quanto a configuração a ser espelhada partilhem da mesma forma lógica. Afinal, o que é forma lógica?

## 1. FORMA LÓGICA

Como já havíamos alertado o leitor na introdução, a forma lógica é um conceito importantíssimo que percorre toda a obra tractatiana, pois é através dela que entenderemos como se dá a relação figurativa de uma proposição com o estado de coisas. Podemos dizer então que a linguagem só dá conta de figurar a realidade, de apresentar o mundo por que tem em comum com este a forma lógica.

Pois bem, esclarecendo esse conceito, tomemos a proposição “Sócrates ama Platão”. Qual é a forma lógica dessa proposição? Se substituirmos “Sócrates” por  $x$  e “Platão” por  $y$ , temos  $x\phi y$  essa forma lógica deixa em evidência que dois objetos quaisquer estão em relação um com o outro. Tal forma lógica espelha qualquer relação binária, ou seja, ela espelha qualquer relação de dois termos.

No nosso exemplo anterior, a expressão “ $x$  ama  $y$ ” é uma sentença aberta, isto é, é uma sentença sem valor de verdade definido. Por isso não podemos dizer se ela é verdadeira ou falsa. Pois bem, essa expressão também pode ser representada assim, “( ) ama ( )” o lugar das variáveis são lacunas em branco, a serem preenchidas. A partir do instante que os argumentos tomam esses espaços, podemos dizer se são verdadeiras ou falsas. Quando substituimos as variáveis por “Sócrates” e por “Platão” temos uma proposição definida que será verdadeira se de fato Sócrates tem a relação ativa de amar Platão. Se assim não for, tal proposição é falsa.

Outro exemplo, agora sobre triplas ordenadas, isto é, relações triádicas, por exemplo, a expressão “Platão é mestre de Aristóteles e discípulo de Sócrates”. Se substituirmos os elementos por variáveis temos: “ $x$  é mestre de  $y$  e discípulo de  $z$ ”. Essas variáveis são como espaços a serem preenchidos, ou seja, é uma sentença aberta, a partir do momento que essas variáveis forem substituídas por argumentos, podemos dizer se estão instanciando um fato verdadeiro ou falso.

Uma relação de três objetos “ $x$  é mestre de  $y$  e discípulo de  $z$ ”. Essa expressão só será verdadeira se, e somente se, suas variáveis forem substituídas por triplas ordenadas que

satisfaçam tal expressão. A expressão “Platão é mestre de Aristóteles e discípulo de Sócrates” para ser verdadeira dependerá da tripla ordenada  $\langle \text{Platão, Aristóteles, Sócrates} \rangle$  instanciar no mundo essa relação, se encontrarmos no mundo a referida relação que “Platão é mestre de Aristóteles e discípulo de Sócrates” a proposição figurativa apresentou corretamente o referido estado de coisas, será então verdadeira. As formas lógicas dos objetos são predicados lógicos que dão a forma geral em que os objetos podem estar configurados, pois a forma geral de uma determinada combinação de objetos é formada pelas propriedades que esses objetos têm em comum. Estamos de acordo com Glock, quando diz que “as propriedades internas, de um objeto (sua forma lógica) residem na possibilidade de sua combinação com outros objetos para formar estado de coisas”. (GLOCK, 1998, p. 181). Pois, “A possibilidade de seu aparecimento em estado de coisas é a forma do objeto” (WITTGENSTEIN, 2008, p. 139).

O que estamos dizendo é que uma proposição poderá ser verdadeira ou falsa e cabe ao mundo atestar se o que a referida proposição diz existir é ou não verdadeiro. O sentido é independente de ela ser verdadeira ou falsa. A proposição atômica tractatiana, afigura estado de coisas possíveis, ela sempre terá sentido determinado, pois, ela enuncia uma possibilidade de combinações de objetos no espaço lógico, ela nos apresentar uma possibilidade de como as coisas estão no mundo, talvez não esteja da maneira que diz estar, aí ela será falsa, mas não sem sentido. Agora se a referida combinação estiver atualizada no mundo, como diz estar, aí ela será verdadeira. Isto é, a proposição elementar tem a capacidade de ler, de figurar o mundo, e sendo assim, podemos conhecê-lo; são elas que nos dão a possibilidade de conhecermos o mundo, haja vista que é a linguagem que nos apresenta os fatos do mundo e conseqüentemente ela nos apresenta o mundo. Portanto, só conhecemos o mundo por que a linguagem nos apresenta este, ou seja, ela nos fornece um modelo possível de como ele está estruturado.

Essa independência do mundo pode ser pensada tendo em vista dois detalhes importantes, um deles é que, se a verdade das proposições da lógica independe do mundo, nenhuma dessas proposições descreve o mundo. Assim, a lógica será concebida como composta de proposições “que nada dizem”. (GHIZONI, 2006, p. 40).

Retomando a explicação de outra maneira, sob um ponto de vista conjuntístico, a expressão “x ama y” torna-se uma proposição verdadeira se, e somente se, x e y são substituídos por pares ordenados de objetos para os quais a relação “x ama y” é o caso no mundo real. No exemplo, em questão, a verdade da afirmação de que “Sócrates ama Platão depende do fato do par ordenado  $\langle \text{Sócrates, Platão} \rangle$  instanciar ou não a relação “x ama y” no mundo real. Ou seja, se existir esse fato no mundo se assim for, diz-se que “Sócrates ama Platão” apresenta na linguagem adequadamente o estado de coisas de que Sócrates tem por Platão a relação de amor. Pois bem, sintetizando essa elucidação a forma lógica dos objetos são predicados lógicos que

dão a forma geral em que os objetos podem estar configurados, pois, a forma geral de uma determinada combinação de objetos é formada pelas propriedades que esses objetos têm em comum.

## 2. ESPAÇO LÓGICO

Esse é outro conceito importante que não podemos deixar de mencionar. Pois bem, Wittgenstein não especificou o conceito “espaço lógico”, assim como não o fez com os objetos nem com os estados de coisa. Estamos de acordo com Glock, quando diz que O “*Tractatus* não define o termo espaço lógico, mas este se refere ali, claramente, ao conjunto total de possibilidades lógicas”. (GLOCK, 1998, p. 136). Então, de acordo com a citação, todas as possibilidades lógicas, ou seja, todas as combinações que um objeto possa fazer se referi ao espaço lógico. É relevante esclarecer que esse conceito não foi criado por Wittgenstein: ele se inspirou nos estudos do físico Ludwig Boltzmann sobre as distribuições prováveis de configurações de átomos ou moléculas; Wittgenstein tomou o termo ‘espaço lógico’ de empréstimo da termodinâmica.

O espaço lógico é entendido como sendo o espaço das configurações entre objetos, isto é, entre as combinações prováveis que um objeto possa fazer com outro. Cada objeto possui uma forma lógica, a qual estipula com quais outros objetos pode combinar. O que queremos dizer é que um objeto ao ligar com outro, eles precisam ter as mesmas características que possibilitam essa combinação. Por exemplo, as notas musicais têm que combinarem uma com a outra, de tal maneira, para apresentar certo estado de coisa musical. Os elementos combinantes desse estado de coisas não podem ser qualquer um e sim aqueles que possuem em suas formas lógicas características que possam expressar um estado de coisas musical. Ou seja, esses objetos devem combinar com outros objetos que compartilhem da mesma forma lógica, não podem combinar com cores, se quiser instalar uma nota musical, e sim com diversas alturas, tons, dentre outros.

De acordo com Glock, “Os objetos dependem do espaço lógico, uma vez que lhes é essencial possuir dentro dele uma localização”. (GLOCK, 1998, p.138). Isto é, os objetos precisam do espaço lógico, pois é nesse espaço que os objetos podem combinar um com o outro, ou seja, é ali que ocorrem as possibilidades de mutação, de ligação entre os objetos. A linguagem ao afigurar um estado de coisas, ela não está dizendo que o mundo é da maneira que está afigurado, essa figuração é um modelo possível do mundo. Os objetos no “*Tractatus Logico-Philosophicus*” são importantes para a figuração. Isso leva alguns questionamentos,

pois se o mundo não tivesse objetos não haveria estado de coisas, que por sua vez não existiria fatos, sendo assim, não saberíamos se tal proposição é verdadeira ou falsa, conseqüentemente, não conheceríamos os fatos, sendo assim, não conheceríamos o mundo.

A observação ‘eu posso conceber esse espaço vazio’, certamente quer dizer que nenhum estado de coisas do qual uma coisa pode estar inscrita, pode existir. Se isso é possível para um objeto, pode ser possível para qualquer objeto. Por isso a totalidade do espaço lógico pode ser vazia: pode ser que não exista estados de coisas – isto é, nenhum mundo. (MALCON, 1986, p.24).

Para sintetizar o que expusemos até agora sobre esse espaço de mudanças, de alterações, podemos dizer que o espaço lógico de um objeto qualquer é a totalidade das configurações reais e possíveis que tal objeto tem com os outros objetos: a totalidade das relações monádicas, diádicas, triádicas,...,  $n$ -ádicas que podem ser afirmadas deste objeto, sendo estas reais ou possíveis. Ou seja, o espaço lógico são todos os fatos (combinações reais) e todos os estado de coisas (combinações possíveis) que dele faz parte.

O espaço lógico de um objeto qualquer é o conjunto de todas as proposições atômicas em que este possa aparecer. Uma proposição atômica ao afigurar um determinado estado de coisas, expõe a maneira que esses objetos estão ligados (sua estrutura). Outra proposição apresenta nova combinação possível de objetos. Então, o conjunto de todas as proposições atômicas de um objeto é o espaço lógico dele. Sendo que, dentre estas proposições algumas são verdadeiras e outras falsas. “Uma proposição elementar falsa não é a negação de uma verdadeira; em vez disso, afigura uma combinação diferente e não existente de objetos” (GLOCK, 1998, 292). Dentre todo esse conjunto de proposições atômicas as que apresentam corretamente um fato no mundo serão verdadeiras, agora se articulem diferente certa combinação de objetos, essa será então, falsa. Enquanto o espaço lógico abarca as configurações reais e possíveis de um objeto, o mundo é uma parte do espaço lógico, na medida em que nele são atualizadas as configurações reais dos objetos, isto é, fatos (estados de coisas existentes).

### 3. ESTADO DE COISAS

Pois bem, depois de esclarecermos alguns conceitos chaves, vamos agora explicar o que propusemos. Afinal, o que é um estado de coisas? O “*Tractatus*” nos diz no aforismo 2.01 que “O estado de coisas é uma ligação de objetos (coisas)”. Já no aforismo 2.031 diz que “No

estado de coisas os objetos estão uns para os outros de uma determinada maneira”. Pois bem, como está exposto acima nos aforismos, um estado de coisas se constitui com uma combinação ordenada, articulada de objetos; isso é um princípio preponderante para configurar um estado, agora caso os objetos combinem de uma maneira caótica, desordenada, sem uma ordem, então não configuram estado de coisas nenhum.

Pelos aforismos citados fica evidente que os objetos assumem uma grande função no *Tractatus*, pois, são componentes fundamentais de uma configuração. Sem eles não faz sentido falar em estado de coisas, pois como foi exposto, um estado de coisa é formado pelas ligações de um objeto com outro objeto feito isso de maneira articulada, ordenada. Dito isso de outra maneira, podemos dizer que quando os objetos se arranjam de um jeito, ocorre um estado de coisas; ao combinarem novamente de outra maneira, instá-la outro estado de coisas; e assim sucessivamente. Ou seja, há uma instabilidade, uma variação das ligações. “O objeto é o fixo, subsistente, a configuração é a variável, instável”. (TLP, 2.0271). Então, essas várias configurações de estado coisas são representadas pelas proposições atômicas em um espaço de possibilidades lógicas. De acordo com Glock, (1998, p.26), entendemos que a forma lógica dos objetos simples consiste em suas possibilidades combinatórias com outros objetos. Uma combinação possível de objetos é um estado de coisas, a existência de tal combinação é um fato. Como bem diz Juliano “uma tal combinação de objetos é um estado de coisas, a existência de tal combinação é um fato”. (SANTOS, 2009, p. 25).

Alertamos que não conceituaremos uma definição sobre o que são esses objetos, até porque, se for feito isso estaríamos fraudando o pensamento wittgensteiniano, pois ele não definiu o que eles são. Mas, se mesmo assim, tentássemos ousar a defini-los, a proposição não figuraria nenhum estado de coisas, ou seja, ela não figuraria nada, ou melhor, não haveria figuração. A citação a seguir corrobora com a idéia que não podemos defini-los. “Os objetos são aquilo de que esses constituintes de proposições completamente analisadas são sucedâneos. Não podem ser definidos, mas somente nomeados”. (GLOCK, 1998, p.266). De acordo com a citação, e de tudo que falamos até agora acerca dos objetos, não os definimos porque não tem como fazê-lo, apenas podemos nomeá-los.

Fica claro que sem objetos não haveria estado de coisas; sem esses não poderíamos falar em fato, sendo assim, não teríamos como atestar a verdade ou falsidade de uma proposição, o que desencadearia um processo não figurativo da linguagem com o mundo, isso levaria ao seu não conhecimento, pois não haveria correspondência entre linguagem e mundo. Pois bem, o *Tractatus* começa assim: “O mundo é tudo o que é o caso”. Ou seja, o mundo é tudo o que é verdadeiro, isto é, o mundo é constituído de estados de coisas efetivos. Em um primeiro

momento lendo o “*Tractatus Logico-Philosophicus*” parece que estado de coisas e fato tem a mesma correspondência. O aforismo seguinte nos mostra isso. “O que é o caso, o fato, é a existência de estados de coisas” Por mais que esse aforismo nos direciona há acreditar nisso há uma grande diferença entre os dois. Entendemos isso da seguinte maneira: se temos um aglomerado ordenado de objetos efetivo no mundo, isso significa então, que temos um fato. É importante dizer que no momento que o estado de coisas deixa de ser uma possibilidade, ele passa a ser efetivo no mundo, aí temos um fato atômico. Com essa citação fica clara a diferença dos dois, enquanto um estado de coisas é uma possibilidade de um fato, não sendo ainda, só a partir do momento que a proposição é conferida pelo mundo, e esse instanciando o que ela afirma é que temos um fato.

A diferença fundamental entre um fato e um estado de coisas possível é simplesmente esta: um fato é um estado de coisas efetivo, é o que acontece, é a verdade da proposição: ‘as coisas estão assim’, enquanto que no segundo caso não tenho mais do que uma possibilidade. A noção de ‘fato’ implica necessariamente a verdade ou a falsidade da proposição, é uma instancia posterior ao estado de coisas possível. Antes de a proposição ser verificada tudo o que tenho é um estado de coisa possível, a mera possibilidade de um fato, somente após conferir sua verdade é que tenho um fato. (SANTOS, 2009, p. 27).

O aforismo 2.202 nos diz que “a figuração representa uma situação possível no espaço lógico”. Ou seja, ela nos fornece um modelo possível do mundo. Atente o leitor que falamos em situação possível e não de uma situação efetiva. Isto é, se encontrarmos esse fato no mundo, tal qual a proposição o descreve através da figuração de um estado de coisas, ela é verdadeira. Agora, se esse fato não encontrar no mundo, sendo apenas uma possibilidade de ele ser efetivado, a proposição será falsa. O mundo é o responsável para atestar a verdade ou a falsidade de uma figuração. O aforismo 2.223 corrobora com o que estamos dizendo “Para reconhecer se a figuração é verdadeira ou falsa, devemos compará-la com a realidade”. Mas o problema está quando diz que devemos comparar à figuração com a realidade, parece que desdiz o que falamos a pouco, então, para ficar clara essa explanação, explicaremos a distinção de realidade e mundo. Depois de diferenciarmos estado de coisas de fato, há outro problema em relação ao mundo e realidade, que os aforismos abaixo colocarão o problema.

Há uma parte de aforismos no “*Tractatus*” que deixa em dúvida a diferença de realidade e mundo. “A totalidade dos estados existentes de coisas é o mundo” (TLP, 2.04). “A existência e a não existência de estado de coisas é a realidade” (TLP, 2.06). “A realidade total é o mundo” (TLP, 2.063). O último aforismo equipara a realidade e o mundo. Essa seqüência de aforismos é problemática, mas é crucial compreendermos que os estados de coisa não existentes, são



apenas possibilidades, ou seja, essas configurações não existem em algum lugar fora do mundo, em que conhecemos como tal, que aparece a nós. A realidade são as possibilidades desse mundo. Isto é, ela é a totalidade desse espaço das possibilidades, pois, faz parte dela estado de coisas existentes e os não existentes. Dito isso de outra maneira, a realidade é uma possibilidade desse mundo que se apresenta a nós. Os fatos no mundo são contingentes, estão de um jeito, mas poderiam estar de outro; então aquele estado de coisas não existente, que não está atualizado é outro modo de ser daquele fato que está efetivo no mundo. Ele é outro modo de ser daquilo que é.

Abaixo há uma ilustração baseada no exemplo de Hans-Johann Glock *Dicionário Wittgenstein*, p. 161. Para explicarmos como se configura um estado de coisas. Ele nos diz que “As áreas sombreadas são combinações existentes, as áreas não sombreadas são estados de coisas possíveis, mas não existentes”. (GLOCK, 1998, p. 161). Ou seja, na configuração Ea, Gd temos estado de coisa existentes, isto é, se essa determinação existir no mundo aí temos um fato que é atestado como verdadeiro, agora se pensarmos na configuração Eb ele não está demarcado, sendo assim, esse é um estado de coisa que pode vir a existir no mundo, mas no momento ele está apenas como uma possibilidade de existir no mundo.

	a	b	c	d
E				
G				

As proposições atômicas verdadeiras são proposições que vão atestar os fatos existentes no mundo. Para a existência que torna a proposição verdadeira seria uma existência “no mundo real” (no único mundo que temos, isto é, no mundo tal que se apresenta a nós), e não em um mundo possível qualquer. “O mundo decide apenas se o lugar no espaço lógico determinado pela proposição está ou não preenchido” (GLOCK, p. 214). Pois se ele atestar a veracidade da proposição atômica, então esse lugar lógico está preenchido, e marcado pela proposição. Agora se atestar à falsidade desse fato, ele sendo apenas uma possibilidade de vir atualizar, essa proposição não estará marcando nenhum ponto do espaço das possibilidades.

Os objetos compõem esse espaço lógico, algumas dessas possibilidades, desses estados de coisa possíveis serão efetivadas no mundo, outras não. Assim, é necessário ter o seguinte

cuidado. Todas as possibilidades existem no espaço lógico. Essas possibilidades são as concatenações possíveis dos objetos simples. Apenas as concatenações (possíveis) que se encontram efetivadas compõem o mundo. A existência do estado de coisas no mundo tal como aparece para nós faz com que a proposição seja verdadeira, para que isso ocorra, elas precisam da existência desses fatos.

A proposição atômica tem uma grande importância no “*Tractatus*”, pois é ela que vai mostrar como está estruturado o mundo. Para Wittgenstein uma proposição bipolar de acordo com seus possíveis valores de verdade pode ser verdadeira ou falsa. Dito de outra maneira pode-se dizer que esses arranjos de objetos, configuram cada uma das possíveis combinações de um objeto um estado de coisas específico. De certa maneira os estados de coisas são contingentes. Pois, eles estão arranjados de um jeito, mas poderiam estar combinados de outra maneira; sendo assim, teríamos outro estado de coisas, diferente do anterior. No aforismo 2.04 “A totalidade dos estados existentes de coisas é o mundo”. Ou seja, o mundo (é constituído por fatos) e não por uma configuração possíveis de objetos, o mundo é atualidade, e não eventualidades, possibilidades, etc. Ele é constituído de um efetivo estado de coisas, isto é, uma ligação ordenada de objetos atualizada no mundo.

No aforismo 4.3 “As possibilidades de verdade das proposições elementares significam as possibilidades de existência e inexistência dos estados de coisas”. Quando uma proposição figura um estado de coisas, essa apresentação é apenas uma possibilidade das coisas estarem no mundo. Mas, quando tal proposição é um fato no mundo, isto significa que o mundo atesta sua verdade. Com isso, essa proposição marca no espaço lógico, essa possibilidade.

Um estado de coisas possível representa uma situação, um modelo de realidade, uma possibilidade de um fato no mundo. A noção de estado de coisas possível está profundamente ligada à teoria da figuração, pois um estado de coisas possível é uma figuração de um modelo de realidade. O fato de que uma proposição represente um estado de coisas possível já mostra que a noção de estado de coisas possível também está de alguma forma ligada à teoria do sentido que Wittgenstein defende: dizer que uma proposição tem sentido é equivalente a dizer que a proposição possui uma bipolaridade essencial (dois pólos: V e F), e dizer que a proposição é bipolar significa dizer que o que ela diz é contingente, sendo contingente o que ela apresenta significativamente não pode ser mais do que uma possibilidade, uma situação possível no mundo. (SANTOS, 2009, 26)

Toda proposição é necessariamente verdadeira ou falsa (o princípio da bivalência). Dizendo isso de outra forma, podemos dizer que o sentido da proposição será plenamente determinado, de tal modo que não haveria uma terceira via à verdade ou à falsidade de uma proposição. O que queremos expor é fazer um contraponto entre as proposições que dizem alguma coisa do mundo e as que nada dizem (as ditas proposições tautológicas); estas não

espelham as configurações do mundo, mas apenas apresentam combinações lógicas que, por força de uma sintaxe previamente estabelecida, são sempre verdadeiras ou falsas, independentemente de como o mundo se estrutura.

A representação do mundo é instanciada pela relação figurativa entre proposição e um estado de coisas, isso só sendo possível pelo fato de as formas lógicas serem iguais. A linguagem só dá conta de descrever o mundo, de afigurá-lo, porque possui a mesma forma lógica dele. Quando uma proposição afigura certa configuração de objetos, ela afigura um estado de coisas possível no mundo. Quem tem essa capacidade figurativa é a proposição atômica; ela afigura estados de coisas possíveis. Agora, caso os objetos simples que compõem esse estado de coisas estejam conectados no mundo (da mesma forma que a proposição conecta seus respectivos nomes) a proposição será verdadeira, caso contrário, será falsa. O mundo não é constituído de objetos e sim de fatos positivos, atualizados.

O que é crucial compreendermos é que a existência dos objetos simples (que compõem os estados de coisas, através da concatenação imediata) é invariável (ou seja, os objetos simples de todos os mundos possíveis são os mesmos objetos). Quer esses objetos estejam ou não concatenados (formando os estados de coisas existentes) esses objetos serão a substância eterna e imutável, que compõe a realidade (a totalidade das possibilidades, sendo estas, as existentes e as não existentes).

Uma parte dessas proposições serão proposições verdadeiras (pois figuram os estados de coisas que estão efetivados no mundo). A outra parte será falsa. Mas o sentido da proposição independe da verdade ou falsidade, pois ela figura uma possibilidade do espaço lógico. Por mais que os objetos são indispensáveis na instanciação de um estado de coisas, eles não possuem a capacidade de nos apresentar como as coisas, estão no mundo, até por que, os objetos são os mesmo em todos os mundos possíveis. São os fatos no mundo que determinam o que é o caso, ou seja, o que é verdadeiro.

É importante entendermos que existe o mundo; esse, tal como aparece a nós, é constituído de fatos. E só conhecemos tais fatos, pois há uma figuração, ou seja, a linguagem nos apresenta esses fatos que compõem o mundo. O que uma proposição anuncia, sendo verdade ou não, ela sempre terá sentido, e o mundo servirá, para comprovar se o que a linguagem diz (totalidade das proposições verdadeiras), se ela é verdadeira ou falsa. Mas mesmo assim, ela terá sentido determinado, pois a possibilidade que ela apresenta, está no espaço lógico, como se esse fosse o reflexo do mundo, haja vista, que tudo que está atualizado é um recorte, é uma parcela do espaço lógico instanciada no mundo.

Ao longo do texto frisamos que para existir uma afiguração de um fato tem que existir alguma coisa que liga à proposição ao fato, ou seja, precisa haver um elo entre elas; essa ligação, é feita pela forma lógica. Sendo assim, os nomes vão substituir, na proposição, os objetos dos estados de coisas; esses nomes têm que possuir, na sentença, as mesmas características de agrupamento que tem os objetos no estado de coisas; pois caso eles não tenham essa capacidade não vai haver uma figuração.

Uma figuração proposicional assume no “*Tractatus*” a mesma função de um mapa ao afigurar uma determinada região; ou seja, o mapa nos apresenta uma figuração de um determinado espaço territorial. Se o mapa representou de maneira correta a região a figuração será verdadeira. Sendo assim, conheceremos o fato representado, por ele. A proposição atômica assume esse mesmo processo ao afigurar certa combinação de objetos; se ela fez isso corretamente, cada nome da proposição assumirá as posições relativas do estado de coisas afigurado. A figuração apresenta corretamente um fato no mundo na medida em que ela articular os nomes de tal maneira, afim de, que esses nomes assumam na proposição as mesmas posições que os objetos assumem nos estados de coisas. Sem isso, não conseguirá espelhar o fato, pois, afigurar uma combinação inexistentes de objetos, isto é, uma combinação que não condiz com os fatos instanciados no mundo.

Expusemos ao longo deste artigo que a configuração de um estado de coisas é representada por uma forma lógica, a qual é instanciada em uma proposição. Lembrando que precisa existir o isomorfismo da preposição com o fato no mundo, para esse estado de coisas ser verdadeiro. Agora caso isso não aconteça, isto é, esse espelhamento da proposição com o fato existente no mundo, aí não existirá à representação desse estado de coisas, sendo assim, aquilo que foi representado não será fato (verdadeiro) no mundo, mas apenas uma possibilidade de configuração de objetos, as quais talvez algum dia atualizarão esse estado de coisas no mundo passando a ser um fato e não mais meras eventualidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta parte final, buscaremos fazer uma análise do que falamos tendo como objeto de pesquisa o estado de coisas. Procuramos mostrar em nossa pesquisa uma interpretação do conceito de estado de coisas, acompanhado da teoria da figuração, para isso precisamos olhar para o mundo, a fim deste atestar sua verdade ou falsidade, através dos fatos dele. Então, entendemos que a proposição mostra como é o mundo, isto é, as coisas se passam da maneira que ela diz. Agora se esses estados de coisas, não estão atualizados no mundo, se são apenas

mera possibilidade, então, ela será falsa. O sentido da proposição é independente se um fato atômico existe ou não no mundo.

O que estamos dizendo é que uma proposição ao apontar para uma possibilidade de um estado de coisas; ou seja, quando ela afigura certa combinação de objetos ela nos fornece um modelo possível de como o mundo está estruturado, talvez esteja da maneira que diz estar aí ela será verdadeira, mas se o mundo configurado de outra maneira aí ela será uma proposição falsa. Ela apresenta uma de várias possibilidades inscritas na realidade e os fatos que ela descreve, vão ser meramente para atestar se o que diz está configurado da maneira como diz estar, se estiver ela será verdadeira se não será falsa.

Expusemos e diferenciamos realidade e mundo. Lembrando que a realidade é a totalidade dos estados de coisas, compreendendo aí os existentes e os inexistentes. Agora o mundo é a parcela do que é possível que se encontra efetivada. Por sua vez, a linguagem é a totalidade das proposições possíveis (que figuraria todas as possibilidades que compõem a realidade). A descrição completa do mundo seria a totalidade das proposições verdadeiras (que figuram os estados de coisas que estão efetivados no mundo). Alertamos que estado de coisas é uma possibilidade de configuração ordenada de objetos, caso ocorra essa existência, deixaria de ser uma possibilidade passando agora para outra instância, isto é, para a efetividade do estado de coisas, aí configuraria em fato atômico, esse sendo aquele que constitui o mundo. Então, um estado de coisas, pode existir no mundo e também pode não existir, caso não exista fica apenas na possibilidade de uma existência, que não se concretiza, que não se efetiva no mundo. Assim (tendo em vista concluir esse raciocínio), toda proposição figura um estado de coisas possível. Em outros termos: toda proposição é a figuração de uma possibilidade que compõe a realidade, isto é, a capacidade de afigurar uma possibilidade de um estado de coisas, e a partir disso temos acesso ao mundo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALSTON, P. **Filosofia da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.
- BARBOSA, Luciano M. **A Noção de Estado de Coisas no *Tractatus Lógico-Philosophicus***, Monografia, Universidade Federal de Mato Grosso, 2010.
- CLOCK, Hans- Johann, **Dicionário Wittgenstein**, trad. Helena Martins. Jorge Zahar, 1998.
- GARGANI, Aldo. G. **Wittgenstein**, trad. Carmen Carvalho, Lisboa, Edições 70, 1973.
- GHIZONI da Silva, G. **O Estatuto do Discurso Filosófico no *Tractatus do Wittgenstein***, Dissertação, Universidade federal do Paraná, 2006.
- HACKER, P.M. S. **Wittgenstein**. São Paulo: Editora Unesp, 2000
- HINTIKKA, M, HINTIKKA, J. **Uma Investigação Sobre Wittgenstein**. Trad. Dobranski, E.A. Campinas, Papirus, 1994.

- LOPES dos Santos, L.H. “A essência da proposição e a essência do mundo”, In: Wittgenstein, L. **Tractatus Lógico-Philosophicus**, São Paulo, Edusp, 2008.
- MALCOLM, Norman. **Wittgenstein: nothing is hidden**. Cambridge: Basil Blackwell, 1986.
- MORTARI, Cezar, A. **Introdução à Lógica**. 3. Ed. São Paulo: Unesp, 2001.
- SANTOS do Carmo, J. **Linguagem e Realidade no Tractatus Lógico-Philosophicus**, Dissertação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.
- SHIBLES, **Wittgenstein, Linguagem e filosofia**. São Paulo: Cultrix, ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Edusp, 1994